

**V CAFÉ COM PAULO FREIRE NACIONAL – 2021:
Educação de Jovens e Adultos como Política pública de Educação Popular**

Cláudia Borges Costa,
Café com Paulo Freire Goiás¹
Maria Luiza Pinho Pereira, GTPA e Fórum EJA DF²
Marinaide Freitas, Café com Paulo Freire Alagoas³

RESUMO: O presente escrito objetiva registrar um diálogo ocorrido na *live* do V Encontro Nacional dos Cafés com Paulo Freire, realizada em três de dezembro de 2021. O diálogo pautou-se na Educação de Jovens e Adultos como política pública e seu entrelace com a Educação Popular. O contexto atual norteou a totalidade dos debates, pois os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos são trabalhadores/as que encarnam a realidade da luta pela sobrevivência no dia a dia. Os dados e pesquisas que comprovam a distância do direito à educação para os trabalhadores/as desse país convida-nos a refletir o quanto é necessário a organização dos movimentos sociais na defesa desse direito. Dentre os autores e o aporte teórico utilizado, destacamos Paulo Freire, que muito contribui para pensar a educação pública, bem como, demonstra que, a Educação Popular deve ser compreendida historicamente, a partir do olhar dos oprimidos e, nesse sentido, propõe a libertação da opressão capitalista como sujeitos da história.

PALAVRAS-CHAVE: EJA- Política pública – Educação Popular – Movimento Social

Após a realização da *live* V Café com Paulo Freire nacional – 2021: Educação de Jovens e Adultos (EJA) como Política pública de Educação Popular, em 03 de dezembro, aceitamos o convite de Liana Borges, em nome do coletivo do Café com Paulo Freire, para escrever sobre o mesmo tema, desafiando-nos nesta prazerosa autoria coletiva – por meio de um texto dialogal onde as falas se entrelaçam e se complementam, a partir da generosa transcrição feita por Lucas Martins Avelar, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática

¹ Professora aposentada da Rede Municipal de Educação de Goiânia, doutora em Educação pela Universidade de Brasília, militante do Fórum Goiano de EJA e membra do Café com Paulo Freire GO. E-mail: cbc2111@gmail.com

² Militante desde a época de secundarista, professora mestra aposentada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, membra do GTPA/Fórum EJA do Distrito Federal, desde 1989, e representante dos Fóruns de EJA do Brasil no Fórum Nacional Popular de Educação (FNPE) E-mail: mlpp1242@gmail.com

³ Marinaide Freitas – professora da Universidade Federal de Alagoas, doutora em Linguística foi gestora de EJA na Secretaria Municipal de Maceió, militante do Fórum Alagoano de EJA, membra do Café com Paulo Freire em Alagoas. E-mail: naide12@hotmail.com

(PPGECM) da Universidade Federal de Goiás (UFG), um dos coordenadores do Fórum Goiano de EJA e coordenador do Café com Paulo Freire Goiás. Consideramos necessário destacar que, em função desse texto ter sido elaborado, a partir da mencionada transcrição da *live*, para maior aprofundamento dos seus pressupostos conceituais, registramos as referências como fontes de consulta aos leitores interessados em continuar o debate, mais que oportuno e necessário!

Desafiamo-nos, porque ao pensar e refletirmos juntas, nesse contexto atual, em que o neoliberalismo segue de uma forma ampla em sua relação com a globalização e o quanto que nos impõe e instiga a construção de alternativas. Desvelar essa realidade é fundamental para que a compreensão do sistema capitalista seja feita em sua totalidade, o que revela a existência de injustiças e violências estruturais. As desigualdades sociais são uma realidade que acompanha os trabalhadores estudantes da EJA e, sobretudo, aqueles trabalhadores que estão fora da escola. Nessa direção, pensar a EJA e sua relação com a Educação Popular é marcar o debate da humanização e, conseqüentemente, a politização das relações, que se faz necessária para a superação desse contexto de desigualdade, perversidade e ameaça fascista em que nos encontramos.

Apresentamo-nos como Cláudia Borges Costa, professora aposentada da Rede Municipal de Educação de Goiânia, doutora em Educação pela Universidade de Brasília, militante do Fórum Goiano de EJA e membra do Café com Paulo Freire GO; Maria Luiza Pinho Pereira, militante desde a época de secundarista, professora mestra aposentada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, membra do GTPA/ Fórum EJA do Distrito Federal, desde 1989, e representante dos Fóruns de EJA do Brasil no Fórum Nacional Popular de Educação (FNPE); Marinaide Freitas, professora da Universidade Federal de Alagoas, doutora em Linguística, foi gestora de EJA na Secretaria Municipal de Maceió, militante do Fórum Alagoano de EJA, membra do Café com Paulo Freire em Alagoas.

Estamos escrevendo, numa conjuntura de agravamento das desigualdades sociais pela *sindemia*⁴, quando mais de 670.000 brasileiros morreram por

⁴ Compreende-se que as proporções da covid -19 foram de intensa repercussão para a humanidade, nesse sentido registramos aqui a opção pelo termo *sindemia*, já que este compreende essa dimensão de danos para o planeta. Aqui registramos os dois termos pesquisados em dois sites. *Pandemia* é a disseminação mundial de uma nova doença que se espalha por dois ou mais continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa. O termo *sindemia* (um neologismo que combina *sinergia* e *pandemia*) não tão novo assim. Foi cunhado pelo antropólogo médico americano Merrill Singer na década de 1990 para explicar uma situação em que “duas ou mais doenças interagem de

contaminação da COVID-19, vítimas de um governo genocida, motivando um sentimento de indignação, por nós transmutado em resistência propositiva do esperar de Paulo Freire. Somos seres inacabados, por isso, o diálogo é nosso alimento para continuar na estrada e poder compartilhar o que nosso poeta repentista e cordelista pernambucano e alagoano de coração, nos trouxe na sextilha, a seguir:

Paulo Freire: um transformador da realidade

*Sofreu demonização do mundo neoliberal
fez seu nome no Brasil, fez fama internacional
quanto mais o tempo passa, mais seu nome é atual
O intelectual, destaque da humanidade
referência da primeira, da segunda e terceira idade
que a ideia quando é boa, nunca perde a validade
Paulo Freire no Brasil a nossa história engrandece
quem lembra suas ideias, seu nome jamais esquece
que o tempo leva o homem, mas a obra permanece
há 100 anos se conhece esse grande educador
nos ensinou que ao próximo, se não conheço a dor
serei mais um oprimido querendo ser opressor
o papel de um professor vai além de um giz na mão
não só se encaixar no mundo, mas fazer transformação
de um país tão educado, para não ter educação
quis alfabetização sem exclusões sociais
ensinou as minorias a indagar as majorias
que apesar das diferenças, todos nós somos iguais.
José Nogueira Netto*

Maria Luiza: Sabem que não somos indivíduos isolados e, sim, construções sociais de toda a militância até aqui, inspiradas nas máximas defendidas por Paulo Freire ao conceber a *Pedagogia do oprimido*: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (FREIRE,1987, p. 52). “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE,1987. p. 68). “A educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatizados pelo mundo” (FREIRE,1987, p. 84). Em síntese, da liberdade somente exercida em comunhão, as pessoas se educam mediatizadas pelo mundo histórico e pelas relações que aí se estabelecem construímos o diálogo, não de A para B, nem de A

tal forma que causam danos maiores do que a mera soma dessas duas doenças”. Disponíveis em: link: <https://www.migalhas.com.br/coluna/leitura-legal/335379/pandemia-ou-sindemia> / 'Covid-19 não é pandemia, mas sindemia': o que essa perspectiva científica muda no tratamento | CEE Fiocruz Acesso: 22/05/2022

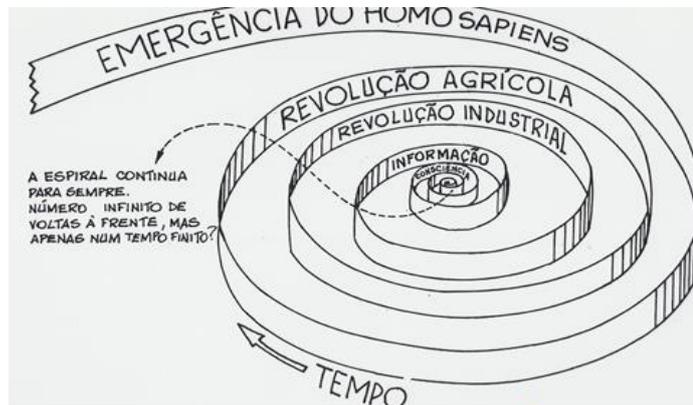
sobre B, diríamos, nem de A por B, mas de A com B. A liberdade no chão da luta, do lugar que a gente pisa para construir o “inédito viável”.

Vale ressaltar que o *Manuscrito da Pedagogia do oprimido* (FREIRE, 1921-1997) permaneceu inédito até 2018, encontrando-se uma página omitida nas sucessivas publicações brasileiras, na qual Paulo Freire, afirmando o “diálogo como essência da ação revolucionária”, demonstra em texto e esquema gráfico uma “**teoria da ação revolucionária**” em oposição a uma “teoria da ação opressora”. Nesta leitura, é possível compreender que Paulo Freire traz, sim, uma proposta de ruptura com o modo de produção capitalista e, portanto, com a sua inviabilidade em dar uma resposta humana.

Ele, na pele, em sua existência, sofreu as consequências do golpe de 1964 que o levou a um autoexílio de dezesseis anos. Então, é muito importante que voltemos ao manuscrito para incluir esta teoria e entendermos, afinal de contas, o que é o princípio revolucionário de Paulo Freire na dialogia, na possibilidade de construção coletiva e, portanto, trazemos aqui um conceito que para nós é muito caro e que queremos discutir. Trata-se do conceito de **consciência**.

Este conceito de consciência que Paulo Freire transformou em verbo, quando ele falava de conscientização como substantivo e **conscientizar** a partir da realidade concreta e objetiva, a partir de suas contradições. Após Paulo Freire, temos contribuições importantes de outros como Pierre Lévy (1998, p.181) francês, filósofo e sociólogo, que sinaliza uma etapa agora chamada de período “noolítico” e um físico teórico Peter Russell que escreveu “Um buraco branco no tempo” e, indagando-se, identifica esse novo tempo finito da “noosfera” (RUSSELL, 1992, p. 253) – “era da consciência” que, como resultado da espiral evolutiva contínua no percurso histórico do *Homo Sapiens*, da experiência humana com a Revolução Agrícola, com a Revolução Industrial e a Revolução Informacional, para que chegássemos a essa etapa da experiência da consciência de humanidade como totalidade.

Figura 1: O tempo da noosfera-noolítico



Fonte: RUSSELL, Peter, 1992 p.253. LÉVY, Pierre, 1999, p122.

Nesta “era da consciência”, vamos compreender que há um espaço novo, não vivido em sua plenitude por Paulo Freire, mas que já havia começado a ser sinalizado, em seu tempo histórico. Vivenciamos a *live* de 03/12/2022, ou seja, o ciberespaço que é um percurso de construção humana, iniciado com a linguagem oral, lá atrás, mas ainda presente para os povos indígenas e para 11 milhões de brasileiros não alfabetizados.

E dessa linguagem oral, articulada com a lógica de capacidade comunicativa humana, ocorre uma aceleração cultural, isto é, criamos as artes (pintura e desenho) rupestres, a escrita, a imprensa, o telégrafo, o telefone, o rádio, a televisão e, hoje, tudo isso interconectado, em redes de redes. Isso é muito importante, porque é um espaço mais novo e, também, marca mais implicações para os nossos processos de informação, de comunicação e de educação libertadora. Aqui, a gente fez uma dobradinha e passo para a companheira Cláudia.

Figura 2: Capitalismo de Vigilância

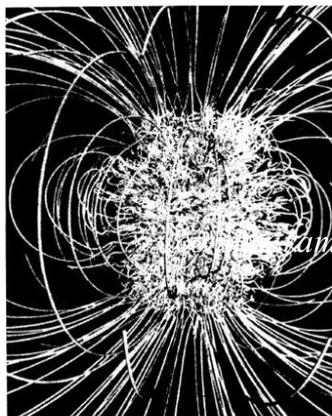


Imagem de satélite que mostra os efeitos de todos os tipos de microcircuitos na Terra, formados a partir de milhões de celulares, telefones fixos, televisores que transmitem ou recebem, estações retransmissoras, centrais de polícia, sistemas de rastreamento por satélite, aparelhos de radar, fornos micro-ondas, etc. Tudo isso gera uma massa de estática – não se vê sinal de coerência no conjunto.

Fonte: PEARCE, Joseph, 2009, p.194

Cláudia: Pensando nessa aceleração cultural que Luiza trouxe, advinda desse mundo da tecnologia em que nós nos encontramos, o emaranhado que a imagem acima nos mostra, sugere o emaranhado da conexão que nos mostra os efeitos de todos os tipos de microcircuitos na terra.

Ele foi formado por e a partir de milhões de celulares, telefones televisores e retransmissores. Uma mutação do capitalismo que utiliza a imensurável quantidade de dados que usuários fornecem gratuitamente a empresas de tecnologias, como as que detêm redes sociais e buscadores, transformando-a em matéria-prima e produto final altamente lucrativos. O processo é conhecido: em seu navegar habitual, o usuário recheia a *web* com zilhões de informações sobre si mesmo como gostos (comida, música, cinema, roupas, viagens etc.); sentimentos (medo de saltar de paraquedas, alegria por adotar um gato, ansiedades etc.); projetos (comprar uma casa, fazer faculdade, morar fora etc.); hábitos *on-line* (assistir a vídeos na plataforma x, ouvir podcasts na y etc.) e *off-line* (ir para o trabalho de bike, ser onívoro, frequentar teatro etc.); posições políticas, sociais, religiosas e tudo o mais que couber. Todas essas ondas e micro-ondas estão sinalizando para a gente esse contexto que evidencia que nós estamos vivendo, aliás, sobrevivendo, nesse “capitalismo de vigilância”, que é uma mutação do capitalismo que utiliza uma imensurável quantidade de dados que os próprios usuários fornecem, gratuitamente, para as empresas e acaba transformando isso em produto bem lucrativo.

Essas entradas de certa forma vão sugando as relações humanas e nos levam muito para o automatismo e a produtividade. O psicólogo Joseph Chilton Pearce (2009), que coloca sobre essa questão, a partir de pesquisas mais recentes da

neurociência, da neurocardiologia, da antropologia cultural e do desenvolvimento cerebral, nos traz a ideia de que a inteligência do coração precisa ser buscada e, se permitirmos que ela se manifeste plenamente, poderemos reverter essa perda inconsciente da nossa verdadeira natureza.

Diante desse contexto, precisamos pensar e buscar uma visão estratégica, para que sobrevivamos. E nós não estamos sozinhos! Estamos, enquanto movimentos sociais e populares, nesta unidade com a classe trabalhadora para se colocar em uma dimensão do contraponto, contraposição.

Lembro-me aqui, dessa visão estratégica (imagem abaixo), onde tem individual, coletivo, capital e trabalho, conforme a música do Caetano Veloso em que ele fala assim: *Onde queres revólver sou coqueiro; onde queres dinheiro sou paixão; onde queres descanso sou desejo.*⁵ Ou seja, onde o capitalismo manifesta que é individual, nós vamos mostrar que nós podemos fazer um trabalho com a consciência coletiva, uma ação coletiva; onde tem o capital, nós vamos trazer a ideia do mundo do trabalho nas suas dimensões amplas; onde está o capitalismo, nós vamos trazer a ideia do socialismo democrático ;onde há essa visão do mercado, a gente vem com a ideia do ecossocialismo e do bem-viver que tem se constituído na América Latina como um todo.

Figura 3: Visão Estratégica: processo de transição

| | | |
|----------------|-----------|-----------------------|
| INDIVIDUAL | E | COLETIVO |
| CAPITAL | E | TRABALHO |
| CAPITALISMO | OU | SOCIALISMO |
| | | DEMOCRÁTICO |
| MERCADO | OU | ECOSSOCIALISMO |
| | | BEM VIVER |

RESISTIR À GUERRA HÍBRIDA

Fonte: Elaborado pela autora.

Esse ecossocialismo é uma alternativa de civilização radical, naquilo que Marx sempre chamou atenção, que é o progresso destrutivo do capitalismo. Nós nos colocamos então, nessa condição de estarmos contrários a essa guerra híbrida

⁵ Música do Caetano Veloso – O queres – Álbum: Velô, 1984. Disponível em: (934) O Quereres – YouTube Acesso: 22/05/2022

(KORYBKO, 2018). Essa guerra está muito presente e, há todo um histórico, através do qual podemos compreender esta visão estratégica. Afinal, ela traz um conjunto de elementos para explorar setores vulneráveis da sociedade, a partir de ações que são realizadas com foco nos segmentos econômicos, psicológicos, militares e políticos relacionados com toda a população, sobretudo a empobrecida. Trata-se de uma guerra que não é convencional e atua por meio de infiltrados que exploram exaustivamente o território escolhido e desestabilizam governos internamente.

O golpe de 2016 na Presidenta Dilma, que começou desde 2013, foi uma forma de atingir esse objetivo. A espionagem cibernética realizada por grandes órgãos de inteligência tem sido utilizada neste sentido. Ocorrem, muitas vezes, invasões de *e-mails*, celulares e bancos de dados de empresas privadas e estatais. E não podemos esquecer, também, que a prisão de Lula fez parte desse arquétipo consistente, completando a estratégia do *lawfare*.⁶ Enfim, toda essa tecnologia digital, que tem trazido a visão da guerra híbrida, nos impõe nessa condição de se colocar, de fato, como oposição a esse contexto. Para fazer nossa resistência nós precisamos uns dos outros da consciência de SER, SERMOS. Luiza vai nos contar como se dá a formação desse povo brasileiro.

Maria Luiza: Na verdade, o que a gente traz aqui é algo que está muito presente entre nós. Todo esse percurso que chega, agora, na forma de guerra híbrida, vem de longe, porque a própria formação do nosso povo brasileiro é marcada pelo embate entre um projeto que vem sob a direção do povo, com o povo e pelo povo, e aquele que vem desde o capitalismo comercial, na sua fase superior de imperialismo, intervindo na formação desse nosso povo brasileiro.

E aqui estamos chamando a atenção para o fato que o nosso povo foi formado por três civilizações ou três povos ou pelo encontro de três culturas fundamentais: os povos indígenas, o povo lusitano e os povos africanos, estes últimos dilacerados já, na condição de escravos. Então a riqueza desses povos, dessas civilizações é que conformam e formam o nosso povo brasileiro.

⁶ Conforme a autora, Patrícia Jorge da Silva (2021, p. 22), escreve “A expressão *lawfare* é a junção das palavras *law*, que significa lei, e *warfare*, que significa guerra, conflito armado. Então, em tradução literal, guerra jurídica seria a utilização da lei como instrumento de guerra. [...] trata-se de uma guerra assimétrica, travada a partir do uso ilegítimo dos órgãos estatais, inclusive do sistema de justiça, com a intenção de perseguir e eliminar o oponente, com os mais diversos objetivos: militares, políticos, comerciais e até mesmo geopolíticos.” Disponível em: [lawfare-como-ameaca-aos-direitos-humanos-ebook-96171310.pdf](https://oabgo.org.br/lawfare-como-ameaca-aos-direitos-humanos-ebook-96171310.pdf) (oabgo.org.br) Acesso em: 22/05/2022.

Trago para visionamento um “transvídeo – História escrita, história vivida Proeja” (*You tube*, 2008) produzido, coletivamente, por professores e trabalhadores estudantes de EJA, da rede pública do Distrito Federal, no segundo segmento do ensino fundamental, na disciplina de História sobre o tema “golpe militar de 1964” (TELES, 2012).

Mas o que fica para a gente? Qual é a noção de história que nos interessa? A história escrita é a que tomamos conhecimento pela leitura ou pela referência aos demais que registraram os acontecimentos, como os documentários e da história vivida resulta o “relato”, que vem da vida de cada um. Falar das três civilizações que constituem o povo brasileiro é falar também de como isso se encontra presente em uma turma de EJA, que se propõe freiriana, libertadora.

É que ali tem pessoas que, na sua ancestralidade, tiveram escravos, indígenas ou lusitanos. E esses três povos constituem as pessoas que ali estão, para que elas também tragam sua história, não só no sentido individual, mas para que contribuam para a compreensão libertadora da história humana e brasileira.

Trago, também, uma revista que é fruto do Fórum Nacional de Redução da Desigualdade Social (FNRDS), que foi elaborada após o golpe de 2016 e é um esforço de trazer a bandeira e a luta contra a desigualdade social no sentido da justiça social, que é o nome da sua revista. Na 1ª edição, após um seminário, escrevi um artigo, sob o título “Educação e Cultura Popular” (PEREIRA, 2019), tentando situar os povos nativos indígenas, mostrando como eles eram em torno de 5 milhões de pessoas no ano de 1500, quando da invasão portuguesa, e, hoje, são em torno de 900 mil, fruto de muita luta e de resistência. Isso nos traz como desafio nos voltamos para estas referências, para a identidade da cosmovisão indígena, que tem muito a ver com consciência, no pensamento de Paulo Freire, mesmo sendo anterior a ele.

Na tradição oral Guarani há uma expressão muito interessante que diz assim: “O ser humano é percebido como alma-palavra [...] como corpo-vida [...] princípio dinâmico da luz cuja forma denominamos consciência [...] O ser emerge do Todo, mas não se desfaz do Todo” (JECUPÉ, 2001, p. 56-57), e isso é para a gente ver a essencialidade da cosmovisão de um dos povos indígenas brasileiros.

Se formos para o povo lusitano há o culto popular do Espírito Santo, que se iniciou na Ilha de Açores, ainda no século 13 d.C, uma cosmovisão, hoje conhecida como Festa ou Folia do Divino, que tem como princípios básicos: a comida para todos, a liberdade para todos, que significa uma sociedade sem prisões e uma

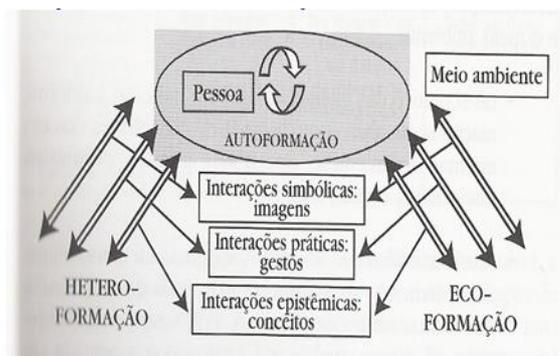
governança de criança, enquanto ser em criação. Tem um pouco, o sentido de Paulo Freire, quando propõe o “**ser mais**” - esse sentido de consciência evolutiva.

E dentre os afro-brasileiros, na expressão de Milton Santos, que é polêmica, alguns se colocam como afro-descendentes, temos, também, uma cosmovisão muito forte do chamado *Ubuntu* (palavra zulique). Ela traz uma perspectiva e a compreensão de que as forças na natureza têm vida espiritual e nessa cosmovisão, sinteticamente,

Essa força coletiva de trabalho de irmãos oprimidos no cativeiro com a vontade e a alegria de viver de cada um, somando-se aos ancestrais e aos que ainda virão, nesse conjunto resulta no **ser com**, em ritos de cantos, tambores, enredos e movimentos (FUENTES, 2014, p.192).

Com estas cosmovisões ancestrais de consciência de totalidade, presentes na formação do povo brasileiro graças aos povos indígenas e africanos, cabe a abordagem transdisciplinar. Vale lembrar que existia um movimento iniciado após a II guerra mundial, consolidado, em 1986, com a Declaração de Veneza, que orientava e fazia um questionamento profundo à epistemologia positivista da lógica formal e trazia toda a discussão que nos levava ao questionamento de como produzir conhecimento e se transformar, enquanto produzimos conhecimento, sobretudo coletivo. Em 2003, no seu manifesto esse movimento fez um reconhecimento público que Paulo Freire tinha um pensamento **transdisciplinar**, ainda que esta expressão não esteja nos seus escritos (LINHARES; TRINDADE, 2003).

Figura 4: A Autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural

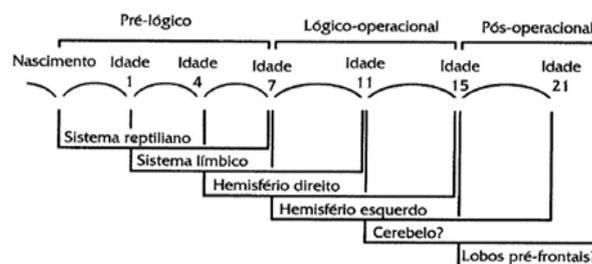


Fonte: GALVANI, Pascal, 2002, p.103

Pascal Galvani (2000), francês, atualmente em Quebec-Canadá, contribui com essa proposta bem sintética, nesta perspectiva freiriana, da autoformação transpessoal. É, pois, a possibilidade de cada pessoa ir além de si mesma. Então, a história de vida não é história do indivíduo, e sim, aquilo que o indivíduo se constituiu histórica e socialmente. Por isso, não é história de vitimação, não é de queixa! É de gratidão às oportunidades que teve na vida de se rever como ser humano.

A transdisciplinaridade, portanto, é uma perspectiva que vai além dessa organização do conhecimento muito presente na academia e reproduzida no sistema educacional. Temos como exemplo a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, documento que devemos revogar e retirar de nossas pautas. Há também, a transculturalidade, o ser transcultural. Ir além da cultura na qual você foi formado. Olha em que nível nós estamos chegando a essa compreensão de uma autoformação, de uma heteroformação e de uma ecoformação (Ver Fig. 6), portanto, o ecossocialismo ao qual Cláudia se referiu. Ele também está nesse chão desse triângulo formativo, no qual estamos todos inseridos, nessa visão mais sintética do processo.

Figura 5: Ciclos vitais: picos de crescimento do cérebro e mudanças de concentração do desenvolvimento



CAMPO ELETROMAGNÉTICO > ENERGIA PSÍQUICA

Fonte: PEARCE, Joseph, 2009, p.114

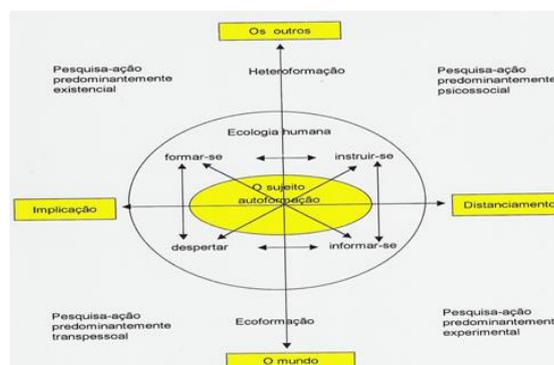
Mas para isso nós precisamos entender o que é que nós tivemos de avanço, no que se chama de **ciclos vitais**, entendendo cada ser humano, e aqui realmente é uma provocação, como um campo eletromagnético que produz energia psíquica. Nesse momento, é essa energia que está sendo atacada brutalmente pelo sistema capitalista, que atinge e nos atinge não só no físico, porque exclui, porque mata, mas também no emocional, no sentido dos conflitos, que nos levam muitas vezes, nesta

necropolítica, a sentimentos tóxicos (ódio, raiva, vingança), que não queremos ter e, no plano mental, desafiados no sentido de nós irmos, além do cognitivo.

Esses ciclos vitais na compreensão do, já citado por Cláudia, Joseph Chilton Pearce (2009), psicólogo de formação inicial piagetiana, explica como cada cérebro vai se tornando o lugar do desenvolvimento humano, a partir do sistema reptiliano, depois do sistema límbico até os sete anos, a idade da razão, mas também, das “mentiras”, das primeiras rebeldias. Precisamos acolher bem as crianças de 6, 7, 8 anos, mantendo a imaginação criativa. Em seguida, mostra como o hemisfério direito vai tomando seu espaço, o hemisfério esquerdo e por aí a síntese de todos os nossos três cérebros, até os 21 anos, que se diz da “maioridade”! Esse é, também, um desafio para nós compreendermos como chegamos às nossas possibilidades de pesquisa na universidade e fora dela.

É importante sabermos que, na contramão da proposta do Novo Ensino Médio e na contramão da proposta da BNCC, nós precisamos transformar nossas salas de aula nas escolas públicas, nossos sindicatos e suas reuniões, nossos partidos políticos cuja base é o socialismo democrático e/ou ecossocialismo, movimentos populares ou de segmentos emancipadores, como espaços de pesquisa. Uma pesquisa em que todos somos convocados a produzir conhecimento que possa, de fato, a partir da ação, gerar possibilidades estratégicas e táticas de luta, porque nós somos movimento social ou a sociedade em movimento na luta de classes.

Figura 6: Tipos de Pesquisa-Ação



Fonte: BARBIER, René, 2002, p.75

É nesse sentido que René Barbier (2002), francês, sociólogo clínico, nos traz essas quatro possibilidades de pesquisa-ação. Não dá para nos aprofundarmos nos limites deste artigo, mas quero chamar a atenção que, em cima estão “os outros”, em baixo está “o mundo”. Portanto a heteroformação e a ecoformação e no meio o processo de “autoformação” com mais ou menos implicação desse sujeito no seu ato de agir, produzindo conhecimento, coletivamente. Isso aí é só para provocar, pois não aprofundaremos muito. Passo agora a palavra novamente à Cláudia.

Cláudia: Ainda nessa constituição do povo brasileiro é preciso refletir sobre a realidade social brasileira, suas contradições historicamente constituídas nas disputas e nos conflitos tecidos no sistema capitalista, bem como no emaranhado desenvolvimento econômico pautado na desigualdade social e como essas contradições interferem na educação.

Na opinião de Florestan Fernandes, no *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina (1975)* tratou da condição de economia dependente e de desenvolvimento desigual historicamente constituído no Brasil, a desigualdade social nas várias dimensões faz-se presente de forma marcante ao longo da história da sociedade brasileira. Ou seja, nós vivemos um longo processo de disputa de projetos de Brasil: popular versus elite.

Propomo-nos a refletir sobre esse longo processo de disputa de projetos que tem nesse país. Desde a colonização portuguesa a gente tem invasão de terra e não foi descobrimento foi invasão mesmo com saques de todas as nossas riquezas naturais. Houve também a dominação de indígena, de africanos, a perseguição ao povo lusitano, o povo que veio de Portugal com aquele caráter de que eram “os piores”.

A história também nos mostra as lutas e resistências dos indígenas, quilombolas, dos caboclos. Ou seja, a resistência começa também nesse período. Nós continuamos nesse projeto e processos de disputa de projetos. De um lado nós, a nossa resistência popular e, do outro lado, a elite. E, nessa atualidade, há a colonização imperialista dos Estados Unidos pela guerra híbrida, com uma invasão cultural e ideológica. Uma invasão que, sabemos, tem refletido nas nossas escolas por meio de grupos que a acusam de defender a “ideologia de gênero”, como é o caso do “escola sem partido” e tantos projetos de violência e ódio que foram, como diz o

Olívio Dutra, “criando lodo no fundo do mar⁷”. Há também toda essa dominação econômica, cooptação da “elite do atraso”⁸

Outra marca é o desmonte do Estado Democrático de Direito e dos serviços públicos. Nesse desmonte, se formos pensar no todo colocado para a Educação, observa-se que nós viramos os inimigos do poder e dos que estão no poder. A Educação de Jovens e Adultos está no limbo, desde 2018. Em 2016 começamos a sentir isso com o golpe e a partir de 2019 coloca-se a EJA na Educação Básica, mas desloca-se a alfabetização para Secretaria de Alfabetização, que tem atuação mais voltada para as crianças, para o público mais novo em detrimento ao da Educação de Jovens e Adultos.

Vivemos esse duro contexto. Por outro lado, nós seguimos com a resistência. A mesma resistência dos indígenas por terra no Brasil Colônia. A gente segue com essa resistência e, hoje, temos o marco temporal nessa defesa indígena pela terra, que não é a terra só para eles, mas é a terra pensada para a vida no planeta e de toda a humanidade. Em conjunto com os trabalhadores do campo e da cidade, mulheres, negros, jovens estudantes, pessoas com deficiência. Todos nós nessa defesa contra o desmonte do Estado democrático de direito Esse ano, por exemplo, nós vivenciamos a ação de nos colocarmos contrários ao alinhamento da EJA à BNCC, Luiza já comentou sobre isso. Seguimos na nossa defesa de sempre buscar um currículo que dialogue com a história escrita com a história de vida, colocado pelo professor do vídeo⁹ que vimos hoje.

⁷ Publicado em 23/11/2019 - Disponível em: OLÍVIO E O LODO DO REACIONARISMO – Moisés Mendes – Jornalista – Porto Alegre – Rio Grande do Sul (blogdomoisismendes.com.br) Acesso: 22/05/2022

⁸ Termo cunhado por Jessé de Souza, livro intitulado: A Elite do Atraso: da Escravidão à Lava Jato escrito em 2017.

⁹ Disponível em: (935) VIDEO História escrita, história vivida Proeja - YouTube

Figura 7: Disputa de Projetos de Brasil: povo brasileiro x elite capitalista



Legenda 1: Origem dos Fóruns de EJA do Brasil. Encontros Preparatórios da V CONFINTEA – 1997 (Hamburgo – Alemanha). 25 anos de luta coletiva pela EJA.

Legenda 2: Abril de 1963: Paulo Freire explica ao presidente e a políticos nordestinos a sua pedagogia dos oprimidos. Sentados, da esquerda para a direita: Miguel Arraes, Clóvis Mota, Seixas Dória, Virgílio Távora, Alúcio Alves e João Goulart.

Fonte:

Ainda sobre essa disputa, que nos coloca como condição primeira a organização de nosso movimento dos Fóruns estaduais e distrital de EJA, é importante perceber que a pauta da Educação Popular é o norte de nossa luta, por isso, chamamos atenção para essa imagem, acima, fotografia da década de 1960, de 1963, onde Paulo Freire está com João Goulart e todos os governadores do nordeste, discutindo o Plano Nacional de Alfabetização. Eles discutiram a educação nacional, nesta perspectiva da Educação Popular.

A Educação Popular tem marcado nessas discussões e se assenta no debate da formação humana, traz o seu caráter emancipatório e democrático, que traduz na construção da educação ao longo da vida. Ela pauta uma Educação que esteja articulada nos vários espaços, seja escolar ou não-escolar. Outra questão que é importante trazer sobre a Educação Popular é que ela encarna na história pelo olhar do oprimido e se propõe com ele tornar-se emancipadora, sujeito da história. Há uma fala do Frei Betto (*live* 16/08/2021), em que ele diz que: “o tecido do poder popular não existiria sem Paulo Freire. Ele plantou as sementes contra a ditadura e nós seguimos nos colocando também contrários a essa atual forma de ditadura”.

Outro dado dessa foto, que é importante trazer, é a questão da tecnologia que está posta e Paulo Freire já trabalhava. Não podemos descartar essa tecnologia, já que nós estamos aqui hoje por conta dela. Ou seja, foi mediada por ela que nos encontramos e, por meio deste encontro, das suas reflexões, que chegamos a este texto. Em *Pedagogia da Indignação* (2013) Freire atenta para a compreensão crítica

da tecnologia, da qual a educação não pode prescindir, mas ela tem que ser, necessariamente, submetida ao crivo político e ético.

Figura 8: Cartografia dos Fóruns EJA Brasil



Fonte: forumeja.org.br, 2022.

Trago a imagem do Portal dos Fóruns de EJA¹⁰ para marcar que, de um lado, nós temos os vários segmentos que constituem os fóruns de EJA: universidades, estudantes, educadores, movimento popular, poder legislativo, Sistema S, governo, enfim, toda essa contradição que nos constitui. E do outro, os temas que são importantes e que nos perpassam, que também nos constituem no movimento: ambiental, do campo, indígena, étnico-racial, mulheres. Todos esses temas hoje, muito mais encarnados nessa visão da classe trabalhadora, continuam a nos constituir enquanto classe trabalhadora. Além disso, imagem objetiva dar a todos nós uma ideia do nosso portal e da nossa construção coletiva, que segue na conquista da organização e luta.

O problema que nos une é estrutural, é da sociedade capitalista. É a discussão por moradia, trabalho, saúde, educação. É a discussão pelas escolas, para que elas não fechem. Enquanto há escolas sendo militarizadas do dia para a noite, as escolas da Educação de Jovens e Adultos estão sendo fechadas. As escolas estão sendo transformadas em integrais no diurno e à noite não há EJA. Essas são discussões que têm nos unido no movimento.

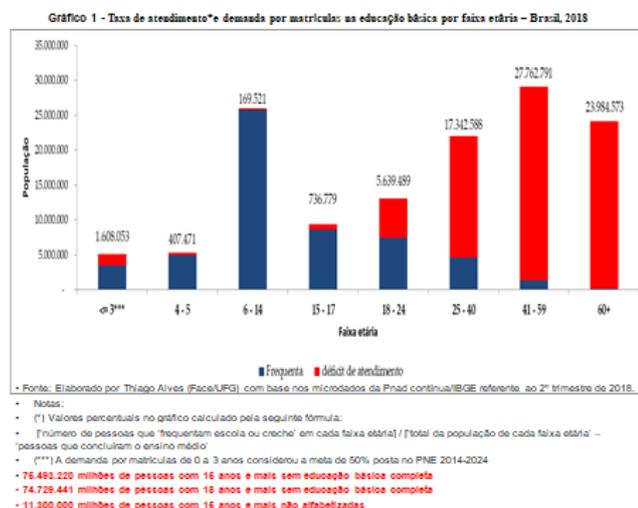
Na 40ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED, dois pesquisadores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, Robson dos Santos e Ana

¹⁰ Portal dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos. Disponível em: A Construção Coletiva | Fóruns EJA (forumeja.org.br). Acesso em: 7 abr.2022.

Elizabeth Albuquerque, nos brindaram com dados que trazem as dissonâncias entre a demanda potencial e o acesso à Educação dos Jovens e Adultos. Eles fizeram uma análise de nove anos, de 2012 a 2021. São dados muito importantes e nós conseguimos organizar uma discussão e refletir sobre os mesmos nos Fóruns de EJA, que contou com a presença dos referidos pesquisadores. .

Eles nos mostraram que temos um dado de 8.893.636 de pessoas que declararam não saber ler e escrever. Passamos de 8,4% em 2012 para 5,4% em 2021. Uma redução mínima para nove anos. Na faixa entre 16 e 85 anos há 52 milhões de pessoas que não completaram o Ensino Fundamental. Na faixa entre 19 e 85 anos há 72,5 milhões de pessoas que não terminaram o Ensino Médio. Em suma, nós temos um contexto em que atingir as metas previstas pelo Plano Nacional de Educação (2013-2024) se mostra algo muito longínquo.

Gráfico 1:



Fonte: Elaborado pelo Professor Thiago Alves FACE/UFMG com base nos microdados da Pnad contínua/IBG referente ao 2º semestre de 2018.

Este gráfico, elaborado por Thiago Alves com dados do IBGE-2018, mostra-nos o déficit (em vermelho) e a frequência (em azul). Até a faixa dos 17 anos percebemos uma boa frequência, ainda que na faixa entre 0 e 3 anos haja uma pequena faixa em vermelho. A partir dos 18 anos começa a aparecer a discrepância, a falta de atendimento. Isso mostra o tamanho do nosso desafio e o quanto temos que lutar pelo direito à defesa dos trabalhadores terem acesso a sua formação.

Em outro dado que a Ana e o Robson trazem, compreendemos a ocupação desses sujeitos. Dentre as pessoas que realizam trabalhos braçais, no enfrentamento

das roças há um número maior do déficit de escolaridade. Vamos agora pensar quais os caminhos das lutas que teremos de travar. Luiza está com você!

Maria Luiza: A primeira questão que está em nossa pauta da política pública com foco na Educação Popular, portanto libertadora, é o entendimento que nós temos, por exemplo, um Sistema Único de Saúde – SUS, que não resolveu a disputa do privado e do público na saúde. Nós temos um Sistema Único de Assistência Social - SUAS, que hoje inclusive não tem sido respeitado e podemos depois discutir sobre isso. Mas, nós não conseguimos até hoje um Sistema Nacional de Educação que regule a relação público-privado e fortaleça a educação pública. É muito importante a gente colocar esse rumo, porque estamos a caminho exatamente dessa possibilidade se assim continuarmos, da resistência propositiva. Esse gráfico nos traz uma questão para EJA que é o entendimento, já colocado por Cláudia, de que o que nos move é a compreensão de uma consciência de classe trabalhadora.

Uma turma de EJA, na verdade, é um diálogo entre trabalhadores, sejam os estudantes trabalhadores, seja o(a) professor(a) trabalhador(a). Portanto, uma turma de EJA é um lugar para construir lutas, para construir possibilidades. Não é um lugar para, simplesmente, reproduzir a “educação bancária”. Nesse sentido, o conceito de trabalho para nós é um princípio formador que vai na direção de tomar desses dois senhores, Karl Marx e Paulo Freire, que estão abaixo, o que aprendemos com eles.

Figura 9:

RUMO ao Sistema Nacional de EDUCAÇÃO

2025 > 230 milhões trabalhadores "intelectuais"
ocupados pela **automação do conhecimento**
Fonte: Le Monde, Vendredi, 24/05/2013. Estudo McKinsey / Parquiseador, J. Mányika, 2013

TRABALHO
como princípio formador
TRIPALÍUM – três paus: instrumento de tortura
SACRO-OFÍCIO = FAZER CRIADOR
CONSCIÊNCIA DE CLASSE TRABALHADORA
(MAIS VALIA)



Paulo Freire Karl Marx



Ces technologies qui vont transformer le monde



Temps Modernes - Charles Chaplin

Fonte: Elaborado pela autora

Quando Paulo Freire diz que quanto mais se aproximava dos mangues e do trabalho precarizado, do trabalho do oprimido, de pessoas que estavam vivendo a

opressão, como cristão, se aproximava da camaradagem marxista. Isso é muito importante para saber que nós estamos cada vez mais chamados por Paulo Freire a compreender. E sem entender a luta de classes, dificilmente nós vamos sair do buraco e do abismo em que estamos colocados.

Há aí um componente novo. Aqui, os tempos modernos de Charles Chaplin, e quem não viu o filme, a gente recomenda que veja, não responde às questões atuais: por quê? Porque nós estamos seguindo na direção da automatização do conhecimento e ela traz para os educadores emancipadores, libertadores, freirianos, um desafio imenso que é o entendimento, colocado por Renato Dagnino, um doutor militante da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, do fato de termos hoje 170 milhões de brasileiros e brasileiras por idade aptos ao trabalho, dos quais 80 milhões não têm emprego, nem terão.

Então o desemprego estrutural é o nosso grande desafio, porque não dá para fazer EJA integrada à Educação Profissional, pensando que todo mundo com certificado de profissionalização vai conseguir emprego. Não vai! Então a Economia Solidária entra de cheio naquilo que nós fomos atacados por esse atual governo, de destruir a Secretaria de Economia Solidária do Ministério do Trabalho, além de acabar com esse ministério, que só ressuscitou para dar cargo à turma do Centrão. Assim, é importante que retomemos o que é que estamos chamando de trabalho e o que é que, neste trabalho, podemos criar possibilidades de tentativas de, inclusive, organizar a produção.

Figura 10: Dados do INEP



Fonte: INEP _ Painel de monitoramento

Esta figura nos remete à lei que conquistamos em 2013, do Plano Nacional de Educação. Essa é a meta 10 e tudo o que está em verde são os acréscimos. Tudo o

que está aí está acontecendo na Rede Federal, nos Institutos Federais. Não está acontecendo nem nas redes estaduais, nem municipais, e olha que nós estamos há três anos da Meta 10 ser concluída, que é 25% das matrículas de Educação de Jovens e Adultos no Fundamental e Médio na forma integrada à Educação Profissional. Não vamos atingir essa meta “nem que a vaca tussa!”. Vamos atingir se a gente mudar a correlação de forças políticas. E essa correlação de forças nos exige que tenhamos muito claro, entre nós, e bem compreendida, a diferença entre educação emancipadora e educação mercadoria, em informação emancipadora e informação mercadoria e em comunicação emancipadora e comunicação mercadoria.

Nós convidamos vocês todos para tomar um café quente com muita possibilidade de conversa, para nós construirmos o Sistema Nacional de Educação, garantindo gestão democrática, participando dos conselhos, participando dos fóruns criados em leis estaduais, municipais e distrital de Educação. E engrossemos a preparação da nossa II Conferência Nacional Popular de Educação – CONAPE-2022, que estamos planejando e preparando nos Municípios, nos Estados, no Distrito Federal para acontecer em Natal, no estado do Governo da Fátima Bezerra, nossa companheira professora militante, hoje governadora, ex-senadora, para que, abrigando e acolhendo essa conferência, a gente possa avançar na construção desse Sistema Nacional de Educação.

Até lá, e após essa nossa conferência, estamos e estaremos nos Encontros Regionais de EJA – EREJA, construindo o nosso XVII Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos – ENEJA. E aqui está um convite de todos nós, para que vocês participem intensamente dos fóruns de cada estado e de cada município e possamos nos fóruns de EJA construir nossa pauta de luta nos EREJA, ENEJA e na II Conape.

Já estamos concluindo. Trago a vocês uma lista de experiências coletivas, para que possam consultar e vai, desde a Economia Solidária até o Cine Popular e todas as nossas criatividade, inclusive cordelistas. Vamos ao final para a nossa Flor do Cerrado.

Estamos aqui duas pessoas. Eu sou baiana, mas estou a mais de 40 anos no Centro-Oeste, então eu já tenho dois lugares.

Cláudia: Eu nunca saí daqui do Centro-Oeste.

Figura 11: Calliandra – Flor símbolo do Cerrado



Calliandra – Flor símbolo do Cerrado

-Nome Científico: Calliandra dyssantha Benth.
Família: Leguminosae.
Nomes populares: Esporinha, Flor-de-Cabonha, Cigarrinha (MG); Flor-de-Cerrado, Flor-de-Brasília.
Origem/Coordenada: Espécie brasileira.
Habitat: Cerrado.
Floração: outubro a junho.
Frutificação: novembro a junho.
Distribuição geográfica: BA, CE, DF, GO, MA, MS, MT, SP, TO.
Descrição: Arbusto, até 2m. Caule piloso. Folhas alternas, compostas com folíolos pequenos, inflorescência vistosa com flores pequenas e estames longos vermelhos. Fruto piloso ferrugineo.
Utilização: Planta com uso medicinal: Em Minas Gerais, o chá da raiz é empregado para regularizar a menstruação e o macerado da inflorescência em problemas dermatológicos. O tubo seco pode ser usado em artesanais.
Fonte: Guia de Plantas do Cerrado utilizado na Chapada dos Veadeiros, Brasília: WWF - Brasil, 2001.

Fonte: VII ENEJA, Brasília,2005 (banner)

Luiza: Tem uma nativa aí que nem a Calliandra, que não sai do seu lugar. Essa flor que a gente oferece a vocês é a flor símbolo do Cerrado. Se você tirar ela do pé, do chão, ela murcha. Não adianta colocar em jarro com água gelada, com água quente, o que quiser. Ela não sobrevive fora do chão se enraíza, de onde absorve a água que vem de baixo e de cima, que é a nossa chuva e, também, nossos mananciais, bacias e nascentes do Cerrado.

Obrigada gente! Eu quero agradecer demais esse momento. Obrigadíssimo aí Claudinha pela dobradinha e vamos nós!

Cláudia: Obrigada querida! Obrigada gente!

Últimas Palavras....

Marinaide: Com todos os problemas vividos, podemos dizer que estamos em estado de graça nesta noite, pois vivenciamos uma significativa experiência humana. As falas dessas mulheres em cada tópico dariam um curso de aprendizado de mão dupla. A sintonia e como dialogam forma um movimento dinâmico do passado, presente perspectivando o futuro e sempre conjugando o verbo “esperançar” (FREIRE, 1987). Maria Luiza expressa a presença de uma “teoria revolucionária” em oposição a “uma teoria opressora” com implicações para a ruptura do modo de produção capitalista – que caracteriza muito bem o seu lugar de fala –, no manuscrito original da *Pedagogia do oprimido*, o que me faz lembrar emocionada dessa escrita de Freire, no referido manuscrito, que apesar de datada, isto é, dentro de um contexto, é muito atual. Esse foi o primeiro ponto que me desmontou. Quando a Cláudia traz o capitalismo de vigilância e as contradições capital e trabalho e, na sequência, Maria Luiza enfatiza que é na sala de aula em um processo dialético, que o diálogo se

estabelece com estudantes num processo de desvelamento da realidade. Compreendemos que é disso que o atual governo ultraconservador tem medo.

Ao reconstruir historicamente a guerra híbrida e a questão da linguagem oral, Maria Luiza nos lembrou do filme *Narradores de Javé*.¹¹ Não tinha como não lembrar que, além da linguagem oral, caso tivéssemos tempo a colega falaria sobre a importância das memórias, a exemplo da memória subterrânea, da memória individual, da memória afetiva e da memória coletiva. Naturalmente isso daria mais um curso. Ao retratar as falas dos/as alunos/a em uma aula de história, esse evento de letramento ganha sentido e provoca Cláudia a destacar que trata-se do currículo vivido. O que nos faz lembrar os currículos como práticas cotidianas que permitem aos/as alunos/as vivenciarem o tempo da escola no compasso da vida. Meu sentimento dialoga com o de Benjamim (1994, p.245), da necessidade de "escovar a história a contrapelo".

E nesse sentido, os Currículos *pensados-praticados* (OLIVEIRA, 2012), ganha importância porque permitem a busca do "ser mais", considerando que estudantes são seres inconclusos/as e sócio-históricos, ansiosos/as para saberem cada vez mais à medida que tomam consciência. É o "ser mais" freiriano dito na maioria das vezes, sem consciência evolutiva e, dessa forma, usado equivocadamente. Maria Luiza, ao retomar a fala traz também o movimento de 1986, com a autoformação, que implica em cada pessoa ir além de si, na busca do "formar-se/informar-se" e "instruir/despertar", rompendo com a linearidade conteudista. Acrescenta categoricamente de forma coerente a necessidade de revogar-se a BNCC. E diria: junto revogar a Resolução nº 1 de 29 de maio de 2020, que não cabe em uma EJA como política de Educação Popular.

Nesse pensar, Maria Luiza refere-se ao fazer a pesquisa acadêmica, e alerta que deverá ser com os sujeitos, e demonstra que isso implica em diálogo horizontal e nunca *sobre* os sujeitos. Afinal, produzir conhecimento juntos na nossa compreensão se traduz na atuação de Pesquisa-formação, onde os/as envolvidos/as se formam e são formados/as.

Ao retomar o diálogo, Cláudia traz para o debate dados preocupantes, tendo como fonte o INEP, e destaca que existem 74 milhões de pessoas que não concluíram

¹¹ Filme brasileiro em coprodução com a França de 2003, do gênero drama, dirigido por Eliane Caffé, cineasta brasileira.

a Educação Básica. E, nesse contexto, apenas 3,5 milhões estão com acesso às escolas, o que sugere uma incógnita em relação à permanência que implica não só que estudantes “fiquem” no ambiente escolar, mas além de “ficarem” e se transformem. O que não tem acontecido nas experiências escolares que não avançam do instituído para serem instituintes.

Outra informação, também do INEP, é que se “tem um mar de pessoas sem educação básica e a ilustração vem por meio de um gráfico que mostra sombreado um mar que é azul com uma linha pontilhada, tímida, com esses 3,5 milhões”, que estão tendo a cesso a escolarização. Fica explícito que há uma demanda nas instituições escolares ainda distante da demanda escolarizável da população brasileira, que é exorbitante. Esse é um momento, que na sequência Maria Luiza agrega a questão do trabalho, destacando que há no Brasil 170 milhões de pessoas em idade produtiva e 80 milhões não terão emprego e nem mesmo ocupações. E destaca a importância da Economia Solidária – forma de produção em que existe a participação de todos/as, trabalho cooperativado como objetivo de produzir, vender, comprar e produzir, sem que haja exploração das pessoas e desgaste ao meio ambiente –, fato esse ainda um grande desafio diante dessa realidade perversa. Sobreviver a essa conjuntura faz com que as pessoas se tornam heroínas anônimas (DE CERTEAU, 1994).

Maria Luiza e Cláudia nos seus percursos de fala aportam na Educação Popular, tão necessária à política educacional. E nesse sentido, deve ser compreendida com toda grandeza que os termos carregam: uma Educação para todos/as. Novamente com grande emoção lembro Pedro Pontual, doutor em Educação, que enquanto educador popular desde 1970 atuou em muitos Movimentos Sociais, Organizações Governamentais (ONG) sempre considerando os princípios da Educação Popular.

Nesse cenário, abrimos um parêntese para registrar a nossa preocupação com a VII Conferência Internacional de Educação de Adultos (VII Confinteia), que é o único evento global da nossa área que se realiza de 12 em 12 anos e acontecerá em 2022 em Marrocos. Registramos que ainda no momento da *live*, não havia acesso à discussão da VII Confinteia e aos diálogos freirianos com os nossos pares, em outras palavras, sem mobilização da sociedade civil organizada e também do próprio Ministério da Educação que silencia sobre a organização e os debates necessários preparatórios para referida Conferência Internacional. Realidade tão diferente das

mobilizações vividas na preparação da V Conferência – realizada em 1997 em Hamburgo na Alemanha – e a VI, acontecida no Brasil, em 2009, na cidade de Belém do Pará. Preocupação, porque dessas Conferências saem documentos norteadores para a política da Educação de Adultos para os países signatários e até a última o Brasil se inseria nela e foi na mobilização da V Confinteia que os Fóruns de EJA do Brasil foram surgindo e permanecem na luta.

Infelizmente, nosso tempo acabou e lembro que esses escritos advieram de uma *live* e aproveitamos para agradecer a possibilidade de dialogar com mulheres militantes – que nos emocionaram e me fizeram aprender muito –, e às demais pessoas presentes que tiveram a paciência histórica da escuta sensível, demonstrada por meio das perguntas no *chat*. Vocês fizeram essa noite acontecer. Agradecimentos também à Luana e ao Danilo, esses dois alagoanos que estão atuando enquanto intérpretes de Libras e que nos honram neste V Café Nacional com Paulo Freire. Lembrando a nossa querida Edite Faria, professora da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e membra do Café com Paulo Freire da Bahia, que sempre em momentos como esse nos diz que “o Café está quente”. Sim Edite, muito quente!

Concluo com Manoel de Barros (2018, n.p. 20) no poema “A didática da invenção” quando diz que “Repetir, repetir até ficar diferente” e acreditamos que ficará diferente. A “última” palavra é GRATIDÃO.

Referências

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Editora Plano.2002.

BARROS, Manoel de. A Didática da Invenção. **Revista Bula**, online, 2018. Disponível em: <<https://www.revistabula.com/2680-os-10-melhores-poemas-de-manoel-de-barros/>> Acesso em: 07.04.2022.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da escrita. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994 – (obras Escolhidas v.1).

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994

Declaração de Veneza, 1986. Disponível em: <http://forumeja.org.br/df/declara.veneza> Acesso: 03/04/2022.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 20 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. 1921 – 1997 **Pedagogia do oprimido:(o manuscrito)** / Paulo Freire; Jason Ferreira Mafra; José Eustáquio Romão; Moacir Gadotti (projeto editorial, organização, revisão e textos introdutórios). – 1. ed – São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire: Universidade Nove de Julho (UNINOVE): Big Time Editora/BT Acadêmica. Disponível em: <https://www.neca.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Pedagogia-do-Oprimido-Manuscrito.pdf> Acesso: 03/04/2022

FUENTES, Lygia Aride. Tornar-se o que se é no sentido da filosofia ubuntu africana e o sentido para a individuação na e da cultura brasileira. In BOECHAT, Walter (org). **A alma brasileira**: luzes e sombra. Petrópolis, RJ: Vozes ,2014, p. 171-193.

GALVANI, Pascal. A autoformação, uma perspectiva transpessoal, transdisciplinar e transcultural. In **Educação e Transdisciplinaridade**, II/coordenação executiva do CETRANS. São Paulo: TRIOM, 2002, p. 93-122.

JECUPÉ, KakaWerá. **Tupã Tenondé - A criação do Universo, da Terra e do Homem segundo a tradição oral Guarani**. São Paulo: Ed. Peirópolis,1998.

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas**: das revoluções coloridas aos golpes. Tradução de Thyago Antunes.1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LÉVY, Piérre. **A inteligência coletiva - por uma antropologia do ciberespaço**; tradução: Luiz Paulo Rounet. São Paulo: Ed. Loyola, 1998.

LINHARES, Célia; TRINDADE, Maria de Nazaret (orgs.). **Compartilhando o mundo com Paulo Freire**. São Paulo :Cortez, Instituto Paulo Freire, 2003.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **O currículo como criação cotidiana**. Rio de Janeiro: DP & Alii, 2012.

PEARCE, Joseph. Chilton. **O fim da religião e o renascimento da espiritualidade**. São Paulo: Cultrix, 2009.

PEREIRA, Maria. Luiza. Pinho. Educação e Cultura Popular. **Revista Justiça Social**. Fórum Nacional de Redução da Desigualdade Social. Ano 1. Edição 01, agosto, 2019. Disponível em: https://fnpe.com.br/wp-content/uploads/2019/10/revista_justica_social_25102019.pdf Acesso: 03/04/2022

RUSSELL, Peter. **O buraco branco no tempo**: nossa evolução futura e o significado do agora. Tradução Merle Scoss. São Paulo: Aquariana, 1992.

TELES, Lúcio et al. **Proeja-transiarte**: construindo novos sentidos para a educação de jovens e adultos trabalhadores. Brasília: Verbena, 2012. Disponível e: <http://forumeja.org.br/df/node/2482> Acesso: 16/08/2021

Live. Frei Beto: Paulo Freire e a Pedagogia da Vida (00:39:08 – 01:18:26) 16/08/2021. Disponível em: (707) Paulo Freire e a Pedagogia da vida - YouTube Acesso: 16/08/2021